

Suplentes farão Congresso começar 93 de cara nova

Cláudia Moema

Depois da chegada de 13 suplentes nas vagas abertas por deputados e senadores nomeados ministros de Estado por Itamar Franco, uma nova mini-reforma congressual estará ocorrendo a partir de 1º de janeiro, com a posse de 26 suplentes que assumirão o mandato na vaga a ser aberta por parlamentares eleitos prefeitos com suas cidades nas últimas eleições, sem falar na hipótese de outros deixarem Brasília para assumir secretarias municipais.

Dessa pequena reforma surgirão nomes os mais variados, desde conhecidos nacionalmente como Fernando Lyra, ex-ministro da Justiça e ex-deputado federal chegando para completar seu sexto mandato, até um advogado e tabelião de notas do Espírito Santo, Helvécio Castello, que recebeu, em 1990, apenas 2.527 votos. Além de Lyra, outro ex-ministro de Sarney estará chegando à Câmara dos Deputados. É Dery Schwartz, ex-ministro do Desenvolvimento Urbano e Habitação, que vem numa vaga aberta no PSDB do Paraná.

Nove ex-deputados federais estarão retornando à Câmara dos Deputados. Além desses, um outro suplente, embora nunca tivesse sido parlamentar federal, já está acostumado a Brasília. É Vilmar Rocha (PFL-GO), que assumirá na vaga de Osório Santa Cruz (PDC-GO), eleito prefeito em Rio Verde. Amigo do presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, Salviano Guimarães, Vilmar Rocha é o chefe da Assessoria Jurídica da Câmara do DF.

Outro nome que já desperta curiosidade é o de Gilberto Miranda, suplente do prefeito eleito de Manaus, senador Amazonino Mendes (PDC-AM). O sobrenome não revela muita coisa, mas ele é o irmão do ex-secretário de Desenvolvimento Regional no governo Collor, Egberto Batista. De porteiro de boate e instrutor de natação, Gilberto Miranda é hoje um próspero empresário na Zona Franca.

Partidos — A vinda dos su-



Fernando Lyra: de volta

plentes vai provocar uma outra alteração: a composição partidária. E que devido às coligações estaduais ocorridas nas eleições de 1990 que originaram o atual Congresso, alguns deputados têm como suplente alguém pertencente a outra sigla. É o caso do próprio Fernando Lyra, que vem pelo PDT na vaga aberta pelo peemedebista Fernando Bezerra Coelho, futuro prefeito de Petrolina (PE). PMDB e PDT se coligaram e Lyra é o primeiro suplente. Também se encontram nesse caso Sérgio Miranda (PC do B-MG) para a vaga de Célio de Castro (PSB-MG), Vilmar Rocha (PFL-GO) no lugar de Osório Santa Cruz (PDC-GO), Darcy Martins Coelho (PFL-TO) na vaga de Eduardo Siqueira Campos (PDC-TO) e Helvécio Castello (PL-ES) em uma vaga a ser aberta pelo PSDB. Aliás, nos casos do PSDB do Espírito Santo, PFL do Maranhão, PMDB de Minas Gerais, e, PMDB e PSDB de São Paulo, ainda não é possível identificar quem será suplente de quem. É que esses partidos, nesses estados, fizeram dois prefeitos-deputados. De acordo com a Secretaria-Geral da Mesa da Câmara, o primeiro suplente ocupará a vaga daquele deputado que primeiro apresentar documentação a essa Secretaria desligando-se da Câmara.

Não assume — Outras hipóteses de alterações partidárias tam-

bém estão previstas. O suplente de Wilmar Peres (PFL-MT), Itsumi Takayama, já enviou um comunicado informando que está deixando o PFL para ingressar no PDS. Em São Paulo, Sólton Borges dos Reis (PTB) foi eleito vice na chapa de Maluf. Seu primeiro suplente é Jayme Paliarin (PTB), mas tem anunciado que não pretende assumir, devido a compromissos com a Igreja de que é pastor. Assim, o suplente será Mauricio Najjar (PDS-SP), hoje superintendente do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, vinculado à Secretaria de Administração Estadual. Chegou a esse cargo por indicação do PFL local, que em São Paulo atua junto com o PMDB. Existe um outro caso de primeiro suplente que não assumirá. Também de SP, é Michel Temer, hoje secretário de Estado, mas o segundo e terceiro suplentes também são do PMDB e ocuparão as vagas de Tidei de Lima (PMDB-SP), futuro prefeito de Bauru, e Jurandir Paixão (PMDB), em Limeira.

Haverá, ainda, outras duas alterações partidárias. São deputados que em 1990 foram eleitos por um partido e agora estão em outro. A saída deles, porém, representa a subida do suplente de seu partido ou coligação de origem. É o caso de César Maia, eleito deputado pelo PDT, mas hoje prefeito eleito do Rio pelo PMDB. Seu suplente será Edésio Frias (PDT-RJ), um ex-deputado federal. Da mesma forma, João Rosa (PFL-MG), que chegou ao Congresso pelo PMDB. Seu suplente, então, será um peemedebista, podendo ser Ronaldo Perim ou Sérgio Ferrara. O PMDB de Minas é um dos casos em que não se precisa o suplente porque, além da vaga de João Rosa, existe a de Luiz Tadeu Leite, eleito prefeito de Montes Claros.

Mais mudanças poderão ocorrer, porque em duas cidades as eleições não estão concluídas e há parlamentares na disputa. Em Maceió, ainda briga por um segundo lugar, o senador Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL); em Boa Vista (RR), há dois deputados entre os dois primeiros colocados. São Tereza Jucá (PDS) e Elceste Almeida (PTB).